

ELEMENTOS TEÓRICOS E REFLEXIVOS QUE INVENTAM E INSTITUEM O TRABALHO DA CLÍNICA SOCIOPOLÍTICA DA MAIÊUTICA FLORIANÓPOLIS

Anderson Carlos Santos de Abreu

Maiêutica Instituição Psicanalítica de Florianópolis, Brasil.

O congresso de convergência, Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana nos convoca para uma reflexão improtelável, porém, ainda, muito incólume nos diversos contextos de formação em psicanálise, mas que devemos ponderar em nossa práxis psicanalítica: qual a ética para a prática psicanalítica na atualidade?

Considerando as diversas resistências, mudanças políticas, sociais e econômicas, processos de alienação frente ao sofrimento do sujeito, e ao seu desejo, vem propagando a seguinte pulsão de morte, travestida de perversão: o crescimento econômico é muito mais importante que a vida. Esta máxima ideológica tem escopo e características neoliberais que apagam toda e qualquer aposta que possa remeter o analista a uma urgência social, ou até mesmo assumir uma responsabilidade que pretende colocar o resto como causa.

Implicados por isso e investidos por um sonho que os convoca ao desafio de implementar uma clínica política e social na instituição, alguns membros da Instituição Psicanalítica Maiêutica Florianópolis assumiram a possibilidade de estarem frente ao mal-estar da cultura, como também interrogantes à ortodoxos teóricos que diriam que este lugar do social não é um campo para a psicanálise.

Assim, desacomodados com o pensamento teórico e com o exercício clínico, passam a questionar quais seriam as implicações da instituição com o social para além de um trabalho que seja realizado, tão somente, na difusão da psicanálise e a formação de analistas num escopo tradicionalmente defendido pela formação permanente.

Conseqüentemente, sustentados por um desejo sociopolítico e clínico que articule gozo, desejo, singularidade, saber, coletividade e verdade, compondo com os processos de formação permanente da instituição, situados socialmente e colocando em questão o inconsciente no contexto da naturalização do desamparo social que apaga a força discursiva dos que estão submetidos, o

grupo aposta numa clínica que possa recuperar o singular no coletivo, levando em conta as novas figuras de mal-estar e o inconsciente no lugar onde as práticas para tratar dos vulneráveis encontra, apenas como saída: a burocracia, os interesses capitalistas e o ensurdecimento frente ao singular do sujeito (BROIDE e BROIDE, 2015).

Trata-se de um trabalho que pretende instituir uma clínica sociopolítica numa instituição, onde, por princípio, o primeiro elemento teórico que o sustenta é a possibilidade de encontrar formas adequadas, e a rigor, de ir ao encontro de territórios que não conseguem acessar ao consultório de psicanálise, isso sem deixar de considerar que há elementos importantes e não tramitáveis que envolvem uma dimensão ética e epistêmica em relação à psicanálise. Assim sendo, um primeiro ensaio reflexivo se instaura nos estudos e discussão na composição desta clínica: a clínica é uma atividade exclusiva ao consultório?

Em 1918, Freud se perguntou qual seria o instrumento adequado para transpor a clínica para além da esfera do consultório, do lugar privado e exclusivo somente a uma determinada casta social – e não ao povo em geral. Freud, naquela ocasião, postulava a psicanálise numa relação necessária com o direito social e singular. Tais aspectos são claramente pontuados por ele na conferência intitulada "Caminhos da terapia psicanalítica", ocorrida em Budapeste, no ano de 1918.

A partir deste ato político de Freud (1918/2018), pode-se levantar a hipótese de que para sustentar uma escuta psicanalítica singular, junto de um território que não tem acesso a um consultório de psicanálise, é necessário ocupar-se de uma posição em que esta escuta esteja acompanhada de um ato: escuta-se o território a partir dos discursos que o atravessam, das práticas que os agentes que lá estão estabelecem e da posição social que o território ocupa, levando em conta o meio em que ele está inserido.

Esta escuta psicanalítica busca o que há de mais singular naquilo que é coletivo, além do coletivo que atravessa o singular. Tão logo, retomando o primeiro ensaio reflexivo, ressalta-se que não basta apenas transpor as teorias da psicanálise para uma prática quando o assunto é a clínica, posto que o trabalho clínico na psicanálise acontece na e pela transferência, e a forma como isso se inventa deve compreender a singularidade de cada sujeito e do coletivo que este território ocupa ao se tratar de uma clínica social.

Assim sendo, apresenta-se como segundo elemento teórico para esta clínica a possibilidade de considerar sobre quais modos pode-se abrir um território, ou espaço, considerando suas especificidades e rigor contemporâneo, ao método psicanalítico. E, ao mesmo tempo, abrir a teorização da psicanálise ao território. Para isso, é de fundamental importância analisar por quais viabilidades pretende-se articular a prática da Clínica Sociopolítica da Maiêutica.

Freud (1989/1994) trouxe alguns apontamentos para isso em sua obra "A sexualidade na etiologia das neuroses", onde apontava para possíveis caminhos de exercer o método psicanalítico em contextos diversos, diferentes daqueles que até então sustentava em sua teoria.

Freud (1989/1994), após constatar sobre as possíveis limitações do método, afirma: "Acho muito provável que seja possível conceber métodos complementares para o tratamento das crianças e das pessoas que recebem assistência médica nos hospitais" (Freud, 1898/1994, p. 268). Com isso, se instaura um segundo ensaio reflexivo: pode-se considerar que a escuta psicanalítica, num determinado território, redimensiona o lugar de fala do sujeito ou de escuta do analista?

No território, segundo os autores Broide e Broide (2019), o corpo do sujeito está exposto, lá existem lógicas próprias e até mesmo regras outras. O território tem diferentes estéticas, cheiros e culturas desconhecidas. Contudo, mesmo que o território não tenha a estrutura de um consultório, há algo que se mantém comum aos dois espaços: "quando uma pessoa percebe que há uma escuta, ela fala - fala sobre sua vida, sua história e seu momento atual (BROIDE e BROIDE, 2019).

É com base nisso, e em distintas situações de urgências sociais - as quais o autor denomina de situações sociais críticas, que Broide (1993) vem fundamentando seus estudos e pesquisas por mais de três décadas. Segundo Broide (1993), é possível criar dispositivos clínicos psicanalíticos, para situações e territórios distintos, que possibilitam operar sobre a realidade objetiva, na qual se fazem presentes a singularidades e os desejos dos sujeitos.

A partir disso, desafiada pelo território, sobretudo por suas especificidades e rigor contemporâneo, a psicanálise, neste contexto, é provocada a transitar sobre as várias situações sociais críticas e pelos novos tempos de transferências que são ocorridos nestes contextos e espaços, posto que a escuta nestes

territórios deve desconstruir a falácia de que lá, ou em qualquer lugar, há um sujeito neutro e não-situado, pretensamente universal, além de que esta escuta precisa, impreterivelmente, reconhecer as peculiaridades dos sofrimentos e violências a que estão expostos grupos específicos, em razão da distribuição desigual das precariedades. Uma escuta, quando seletiva à indiferença de alguns marcadores, (re)produziria, segundo Broide (1993), uma espécie de trauma e a conservação perversa de silenciamentos, em vez de dar lugar à possibilidade do testemunho, o quais seriam o objeto da demanda por uma escuta efetivamente psicanalítica (PACHECO e MENDES, 2022).

Assim, pode-se levantar a hipótese que um dos desafios propostos para abrir a teorização da psicanálise ao território e pensar a função de um analista junto dele é de que no trabalho psicanalítico deve considerar os instantes de tempo que ali se apresenta, assim como as características dos sofrimentos que o território esteja exposto, posto que o tempo de concluir uma compreensão e o momento de elaborar alguma análise precisa se dar sem negligenciar o coletivo do território e as violências por ali enfrentadas, tão pouco desconsiderar as singularidades dos sujeitos atendidos. É uma clínica que exige compreender o que há de singular nas complexidades do coletivo, além de produzir conhecimentos sobre de que modo o coletivo atravessa no singular.

Nesse sentido, considerando e cultivando o que há de específico na teoria psicanalítica – o trabalho com o inconsciente, a transferência, a pulsão e a repetição, o saber pode expandir-se para outros campos e contextos, como grupos, instituições e a própria cidade em seus diversos territórios.

À vista disso, o trabalho de pesquisa, estudo e ação da Clínica Sociopolítica da Maiêutica objetiva-se em buscar a construção de dispositivos clínicos que possibilitem o sujeito, em situação social crítica, encontrar o seu próprio desejo, na medida em que possa falar de si, tendo alguém que o escute em sua singularidade e nas complexidades do coletivo do território que vive. Logo, a experiência da clínica consiste em relacionar-se com territórios diversos, colocando-se numa posição de escuta psicanalítica, pois seja quem for, e aonde for, o sujeito fala e precisa ser escutado.

Por fim, como terceiro elemento teórico para esta clínica, aponta-se, a construção de um método de pesquisa e estudo, o qual possibilite ao grupo de

trabalho, assim como para a instituição, formas de registro e ampliação da clínica num constructo teórico, reflexivo e formativo.

Freud, impactado com o sofrimento provindo da guerra reformulou, repensou e abandonou teorias sobre a neurose de guerra e as neuroses atuais. Tão logo, desde então, avançou-se muito nos fundamentos da clínica psicanalítica, sobretudo quanto aos aspectos que explicitam a articulação do sujeito com o desejo, o gozo e a dimensão de sua vida com os laços sociais e discursivos. Nessa perspectiva, o trabalho de pesquisa e estudo da Clínica Sociopolítica da Maiêutica está para além de elucidar sobre quais sofrimentos, ou estruturas, estão assentadas as singularidades dos sujeitos atendidos nos territórios, mas por quais modos e estratégias é possível construir práticas psicanalíticas implicadas com a dimensão sociopolítica do sofrimento destes sujeitos (ROSA, 2018).

Por isso leva-se ao nome da Clínica Maiêutica o termo sociopolítico, pois sua ação está na construção de dispositivos clínicos em territórios cujas situações sociais são críticas, além disso pretende-se testemunhar e detectar com este trabalho modos clínicos sociopolíticos de lidar com as lógicas contemporâneas que silenciam os sofrimentos e tornam ainda mais os sujeitos na condição de oprimidos dentro da cultura.

Com base nisso, se instaura um terceiro ensaio reflexivo: a que modos as experiências e ofertas de clínicas social, politicamente engajadas, estiveram, e estão, historicamente ligadas à crítica e a reestruturação dos modelos de formação psicanalítica (desde as Clínicas Públicas de Freud) e da transmissão da psicanálise? (PACHECO e MENDES, 2022 *apud* BROIDE e BROIDE, 2016)

Assim, aposta-se que esta reflexão tem uma importância não somente para o trabalho da Clínica Sociopolítica da Maiêutica, mas para o âmbito, sobretudo, da formação permanente do analista.